

Sabrina Valente Neves

**REABILITAÇÃO DA CAPELA
ROMÂNICA DE NOSSA SENHORA DA
PIEDADE EM QUINTÃ**

**Trabalho de Projecto
Mestrado em Arquitectura**

SETEMBRO, 2021

Sabrina Valente Neves

REABILITAÇÃO DA CAPELA ROMÂNICA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE EM QUINTÃ

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitectura realizado sob a orientação científica de João Carrera.

Declaro que este Trabalho de Projecto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Porto, de de

Declaro que esta Tese se encontra em condições de ser apreciada (o) pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

Porto, de de

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por fazer parte da minha vida;

Agradeço a minha família por acreditarem em mim, pelo meu esforço, coragem e força de continuar e não desistir.

A todos os meus amigos do curso e dos amigos do meu trabalho, que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com o espírito colaborativo.

Agradeço ao meu orientador João Carrera por aceitar conduzir o meu trabalho de projeto.

APRESENTAÇÃO

REABILITAÇÃO EM CAPELA ROMÂNICA

Sabrina Valente Neves

PALAVRAS-CHAVE: Reabilitação, românico, património, restauro, intervenção.

RESUMO

A reabilitação de edifícios antigos tem se estendido ao património edificado, está relacionado com a necessidade de prolongar a sua preservação através de obras de intervenções. Estes edifícios possuem características construtivas específicas e são um significativo testemunho histórico da construção realizada em Portugal, nos séculos passados.

Este trabalho é dedicado essencialmente ao estudo de intervenção, à análise de valores e significados, princípios e métodos de intervenção na tipologia da arquitetura românica, onde iremos propor o projeto de intervenção na Capela de Nossa Senhora de Quintã em Baltar - Paredes, que faz parte da Rota do Românico, percurso por 58 monumentos localizados no norte de Portugal, património da arquitetura Românica, onde iremos propor melhorias para a sua preservação.

Para a concretização de uma fundamentada investigação foi realizada a visita no local, verificamos os pontos relevantes e revisão da literatura referente à História e à Teoria da conservação e do Restauro, o que contribuiu para uma análise da proposta do projeto.

É fundamental o conhecimento e entendimento do que é trabalhar diante de um edifício histórico, de modo a adotar as técnicas, materiais e procedimentos exigidos em qualquer projeto de reabilitação, e poder obedecer aos princípios gerais da reabilitação, autenticidade, reversibilidade e compatibilidade.

OBJECTIVO DO TRABALHO DE PROJECTO

O objectivo do trabalho de intervenção foi propor um projecto de reabilitação em capela românica, parmanecendo seu carácter histórico e artístico, prevendo as ações de preservação do património histórico e arquitetónico. Teve também o intuito de permitir o entendimento de competências no que diz respeito à reabilitação de edifícios antigos, principalmente no que se refere às soluções de intervenção e aos processos construtivos adotados neste tipo de obras. Estas intervenções são muito específicas e estão, normalmente muito condicionadas pelo interesse histórico e patrimonial que os edifícios apresentam e os estilos em que cada característica representa e o período em que foi construído. Nestes casos pretende-se preservar ao máximo a identidade do edificado, mediante as poucas intervenções e aplicando, tanto quanto possível materiais e técnicas atuais. Com isso, poder valorizar o espaço onde encontra-se a capela, seu entorno e servir como atrativo daquele local na rota do românico.

Portanto, a realização deste trabalho permitiu-nos fazer uma revisão de investigação bibliográfica sobre reabilitação de edifícios, apresentar a definição de seus conceitos, seus campos de aplicação, caracterizar os processos de reabilitação nos edifícios históricos.

Os edifícios localizados na rota do românico em Portugal são exemplos de aplicação deste tipo de intervenção predial, onde será feito um descritivo das ações realizadas e análise de suas principais características.

ÍNDICE

Introdução.....	8
Capítulo I: Estudo de caso.....	9
I. 1. Justificação do trabalho	9
I. 2. Introdução a temática em estudo.....	9
I. 3. Metodologia	10
Capítulo II: Fundamentação Teórica	12
II. 1. A teoria do restauro	12
II. 2. Arquitetura Românica.....	14
II. 3. O Românico em Portugal.....	19
II. 4. Conceito do património.....	21
Capítulo III: Estudo de Caso.....	24
III. 1. A Rota do Românico.....	24
III. 2. A Capela	27
III. 3. Recolha de dados.....	29
III. 4. Análise dos dados	32
Capítulo IV: Proposta de Intervenção de Reabilitação do Edifício	33
IV. 1. Evolução	33
IV. 2. A Proposta.....	36
IV. 3. Análise dos resultados	36
Conclusão.....	38
Bibliografia	39

INTRODUÇÃO

Uma das áreas de crescente interesse da arquitetura consiste na preservação do patrimônio histórico. A intervenção nestes edifícios, para fins culturais é algo muito importante para uma atitude de conservação do patrimônio histórico por meio de sua preservação ou de novos usos que viabilizem a conservação dos antigos edifícios. Por ser mais flexível que o processo de restauração, o processo de reabilitação pode ser aplicado a diversas edificações históricas que, embora sem condições de serem mantidas integralmente em seu estado original, necessitam ser preservadas, quer em função do estado de conservação do edifício, quer pelas necessidades decorrentes de seu uso.

Entretanto, é evidente a existência de diversos fatores que impulsionam desenvolvimento social e, conseqüentemente, o surgimento de novas necessidades que acabam por influenciar o já existente. Além disso, todas as obras arquitetônicas construídas pelo homem estão sujeitas ao desgaste contínuo e inevitável. Este se dá tanto pela ação do meio ambiente como pelo seu próprio uso e consiste num desgaste físico, funcional e até mesmo estético, levando-se em conta que os estilos se modificam, assim como as formas e condições de utilização. O presente trabalho tem como objetivo principal estudar e compreender melhor os conceitos associados à intervenção no patrimônio edificado e é dedicado essencialmente ao estudo de intervenção, à análise de valores e significados, princípios e métodos de intervenção na tipologia da arquitetura românica. A investigação tem o intuito de verificar e contribuir nas intervenções, de decisões fundamentadas na teoria da conservação, bem como, estabelecer um conjunto de diretrizes que orientem a sua preservação.

"O restauro constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dupla polaridade estética e histórica, com vistas a sua transmissão ao futuro".

Cesare Brandi

CAPÍTULO I: ESTUDO DE CASO

I.1. JUSTIFICAÇÃO DO TRABALHO

A escolha do tema de Reabilitação da Capela românica, foi a princípio para poder trabalhar com a iluminação de um edifício antigo ou património histórico e com as orientações junto ao professor João Carrera, foi sugerido o estudo de uma capela românica. Assim como, podemos trabalhar o processo de recuperação e preservação envolvendo a escolha de técnicas e materiais mais criteriosa e ainda a melhor forma de serem aplicados ao longo do processo interventivo.

No entanto, realizar uma intervenção de reabilitação de um edifício não é uma tarefa simples. É um processo complexo e prolongado que provoca diversas particularidades e inúmeras condicionantes devidas às características próprias e variantes de cada edifício.

A escolha do edifício “ Capela de Nossa Senhora da Piedade” deve ser entendida segundo uma interpretação crítica, à escala regional, em conjunto com os monumentos românicos espalhados pelo território do Vale do Sousa, onde está implantada, e tendo ainda em conta a sua autenticidade, tanto no que diz respeito à sua condição material e estética, mas também a outros valores históricos. A pequena escala do edifício, o seu estilo e por fazer parte da rota do românico, também contribuíram para o trabalho de investigação.

I.2. INTRODUÇÃO A TEMÁTICA EM ESTUDO

A capela em estudo, Capela de Nossa Senhora da Piedade, antigamente uma ermida sob o nome de Virgem da Piedade, situa-se próximo da localidade de Quintã, freguesia de Baltar. A capela possui uma referência, de 1600, que refere a Ermida de Nossa Senhora, e outra de 1758 designando a Ermida da Senhora da Quintã. A designação atual, Capela de Nossa Senhora da Piedade, é de 1864. A capela servia como um elemento protetor para defender a área agrícola daquele território de Baltar, na qual se integrava a Capela.

O edifício teve diferentes fases de construção, que estão visíveis na estrutura, o que nos mostram que às diferentes épocas de construção correspondam, também, interesses diversos sobre a obra considerada nesta ermida. Verifica-se no edifício as condições da reutilização patrimonial de modo a garantir a continuidade dos valores culturais e a sua conservação material.

Apesar da localização da capela esta situada em uma zona rural, como a maioria das ermidas dos séculos XVI a XVIII, desfavorece para que possa ser visitada com mais frequência, mas é uma das capelas que integra-se na Rota do Românico,

projeto que constitui na preservação do património histórico-cultural da região do Tâmega e do Sousa.



Figura 1: Capela Nossa Senhora da Piedade em Quintã

Alguns aspetos utilizados para compreender ou definir este tipo de arquitetura, considerados característicos da zona rural, embora sejam mais desvalorizados ou considerados populares, verificam mais como uma realidade cultural da época, pois a arquitetura românica que chegou em Portugal, foi a que tinha menor valor e menos trabalhada. Havia uma limitação financeira e, conseqüentemente, uma limitação técnica ao nível das soluções aplicadas e dos materiais e aparelhos usados, em uma clara ligação com a envolvente edificada.

O estudo a ser realizado, poderá preservar o seu estado de conservação e valorizar o seu espaço por meio da transformação de um novo entendimento apropriado e inserido no contexto atual.

I.3. METODOLOGIA

Os dados utilizados para este trabalho foram obtidos através de levantamento cartográfico, bibliográfico acerca de Baltar, freguesia do conselho de Paredes, também foram realizados, levantamento fotográfico e levantamento de campo para análise da área em relação ao seu entorno, à infra-estrutura, à acessibilidade, ao padrão da edificação, e análise da área em estudo. Posteriormente, foram realizadas entrevistas com a pessoa responsável pela capela e através de pesquisas no site da rota do românico.

Foram analisados os projetos das intervenções anteriores na capela em estudo e alguns materiais foram fornecidos pela Rota do Românico, para verificação de seu estado atual.

Após a etapa de apresentação do projeto de intervenção, foi realizada a complementação dos dados para a análise de todas as informações obtidas através dos levantamentos realizados na área para a elaboração das propostas de reabilitação, intervenção na arquitetura e entorno da área, a situação atual.

Neste trabalho procuramos conhecer alguns exemplos de intervenção no património, os seus processos construtivos e soluções utilizadas na melhoria das condições que ela necessita, exemplos estes que também fazem parte da rota do românico. Para alcançar os objetivos propostos, este trabalho foi seguido de acompanhamento e orientação com professor João Carrera e indicações de consulta de material bibliográfico sobre a temática de reabilitação, história do românico em Portugal, a teoria do restauro de Cesare Brandi, as definições de restauração dos patrimónios históricos de John Ruskin, entre outros. No levantamento de plantas e memórias descritivas dos casos de estudo, onde fosse possível compreender com o máximo de detalhes os processos dos edifícios até ao momento atual. Os livros técnicos, sites analisados, assim como as plantas recolhidas foram essenciais para perceber os detalhes da proposta, incluindo a sua história e o seu enquadramento. Em sequência, a elaboração do projeto final e pormenores do que foi proposto, e conseqüentemente a redação e revisão do Trabalho Final do Mestrado Integrado.

De acordo com os estudos adquiridos, será possível compararmos qual o nível de reabilitação ou restauro efetuado, assim como a diferença entre os processos de intervenção já sofrido nos edifícios românicos até aos dias de hoje em Portugal, tendo como base o material e informação resumidos em cada caso e com conhecimento teórico que se aplica neste estudo.

Entretanto, consideramos um estudo da Teoria da Conservação, para nos dar o entendimento de reconhecer as práticas atuais de intervenção e salvaguarda do património edificado sem descaracterizá-lo.

CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

II. 1. A TEORIA DO RESTAURO

Entende-se geralmente por restauro qualquer actividade desenvolvida para se prolongar a conservação dos meios físicos a que está atribuída a consistência e a transmissão da imagem artística, e também se pode aplicar este conceito para nele se compreender a reintegração, tanto quanto possível aproximação, de uma imagem artística degradada.

A restauração pode ser entendida como um conjunto de ações a refletir sobre um objeto com um significado cultural e simbólico, visando preservar e revelar valores estéticos e históricos a ele associados, os quais podem estar presentes desde sua origem ou terem se constituído ao longo do tempo. A restauração de um bem cultural demanda o conhecimento de um conhecimento teórico-conceitual e metodológico cuja aplicação importante para garantir a efetiva salvaguarda dos valores identificados. O conceito de restauração só pode ser compreendido a partir de uma perspectiva dinâmica, criteriosa da própria noção de patrimônio, e admite a existência tanto do objeto, em sua materialidade, quanto do sujeito, individual ou coletivo, que com ele se relaciona e estabelece um juízo de valor.

O reconhecimento da obra de arte deriva da conscientização do valor que se tem impregnado nela, seja pelo aspecto material, pela notoriedade do autor ou, ainda, pela técnica utilizada. A restauração, assim, será condicionada pela obra de arte, tendo em vista seu valor estético e histórico fortemente presente, além do aspecto físico (BRANDI, 1977, p. 4-6). A imagem de uma obra de arte não depende, exclusivamente, do corpus, da substância material que a compõe. Ao contrário, uma mesma substância pode apresentar-se ora como obra de arte ora como simples matéria prima, dependendo de sua trajetória histórica. Uma pedra de mármore, não trabalhada, tem valor distinto do de uma escultura, porque a esta se agregam valores culturais e históricos que a tornam mais que simples matéria. Tem-se, assim, que a matéria atua mais como um veículo de transmissão da imagem do que como um condicionante desta. Portanto, os esforços de pesquisa relacionados à conservação devem se concentrar no corpus que contém a imagem, a fim de que esta não se perca no tempo. Para tanto, Cesare Brandi fixa dois axiomas, duas diretivas a serem observadas no ato de restauração (BRANDI, 1977, p. 7-8): Deve-se restaurar apenas a matéria da obra de arte, o veículo que contém a imagem; e o restauro deve tomar como alvo o restabelecimento de uma unidade potencial da obra, desde que isto seja possível sem que se cometa um falso artístico ou histórico e sem cancelar os sinais da passagem do tempo. Entende-se

por falso artístico ou histórico a representação que pretende apresentar como autêntica mera reconstituição de obra que se desgastou ao longo do tempo. Seria possível, por exemplo, reconstituir uma estátua que teve partes de si deterioradas com o tempo. Contudo, isso romperia a linha de continuidade histórica daquele monumento, fazendo com que a réplica fosse equiparada ao original. A reconstituição de uma obra, ainda que se utilizem os mesmos materiais, não configura restauração, na medida em que conforma um falso estético e histórico. O lugar, assim como a matéria, contribui para a manifestação da imagem. Portanto, a remoção de uma obra de arte do lugar de origem apenas deverá acontecer quando indispensável à sua conservação (BRANDI, 1977, p. 11-12). A mais grave heresia da restauração é o restauro de repristinação, aquele que abole o laço de tempo entre o período em que a obra foi concluída e o presente. Para que seja uma operação legítima, a restauração não deve reverter a degradação natural das obras, retirando os traços decorrentes da passagem do tempo, nem abolir sua história. A ação de restauro deverá se dar de modo pontual, como evento histórico, por ser uma ação humana e se inserir no processo de transmissão da obra de arte no futuro (BRANDI, 1977, p. 26).



Figura 2 - Vida de San Girolamo de Pietro Perugino: Cesare Brandi

Os intervencionistas consideram que restaurar um edifício significa “restituí-lo a um estado completo, que pode nunca ter existido”. Sendo assim, se um edifício não continha todos os elementos necessários a compor um estilo, estes deveriam ser acrescentados no processo de restauração (CHOAY, 2003, p. 156-157). Em relação à corrente anti-intervencionista, Ruskin sustentava que a arquitetura era essencial à lembrança, sendo o meio mantenedor das ligações com o passado e a identidade

coletiva. Nos edifícios antigos, por exemplo, pode-se perceber o valor incorporado pelo trabalho das gerações pretéritas, desde as moradias humildes às mais luxuosas (CHOAY, 2003, p. 139-141). O citado autor era contrário à industrialização e valorizava o trabalho manual realizado nos edifícios antigos, assim como as marcas decorrentes da passagem do tempo, por entender que ambos conferiam um caráter sagrado às edificações. Para Ruskin, o homem produzia, ao mesmo tempo, um objeto útil e uma obra de arte. Neste contexto, discorre sobre o dualismo entre a beleza e a utilidade sugerindo uma sutil distinção entre a arquitetura e a construção (BENEVOLO, 1976, p. 198; 200; CHOAY, 2003, p. 154). Em sua obra Pedras de Veneza, critica as intervenções que lesam a estrutura da malha urbana das cidades antigas. Sugere ainda que, no caso específico de Veneza, a arquitetura doméstica como um todo desempenha o papel de monumento histórico. A mais, prenunciou a inclusão dos conjuntos urbanos na herança a ser preservada, além de ampliar a proteção dos monumentos em escala internacional (CHOAY, 2003, p.180-182).

Ao efetuar o restauro e a intervenção, baseando-se nas doutrinas de Cesare Brandi, eles reativaram a eficiência de um produto executado pelo homem dando uma função a ele e ao manter o máximo do original –Moinho Colognese –, respeitando a cultura da tradição italiana, eles reverenciaram sua historicidade resgatando a sua unidade potencial, sem produzir falsificações ou cópias a qual apaguem os traços da ação do homem no tempo, conservando assim, a sua autenticidade.

A intervenção foi feita de modo que se possa identificar o novo e o antigo (PACHALSKI, 2012), a mesma não se sobressai à preexistência, mas sim, a destaca ainda mais e para isso, seguindo a teoria de Brandi, a utilização de materiais atuais como o vidro e betão armado, permitiu um diálogo harmonioso entre as edificações, não gerando conflito entre elas, e a aplicação do restauro crítico permitiu ainda que não houvesse uma intervenção impertinente o que geraria um falso histórico e artístico.

II. 2. ARQUITETURA ROMANICA

A arte românica desenvolveu-se no século XI até o início do século XIII na Europa, e depois pelo resto do mundo, a partir da disseminação do cristianismo, no auge da decadência do sistema feudal. O nome românica é dado a esse tipo de arte, pelo fato de sua estrutura ser muito parecida com as construções romanas. A arte românica nasceu logo após o termino do Império Romano, a Europa se vê em

grande crescimento, período chamado de baixa idade média. A arte surgiu para que o sentimento religioso da época, em que o Papa era o líder político, ou seja, a Igreja que centralizava o controle sobre o pensamento e a vida da época. O crescimento religioso refletia-se na construção de várias igrejas, onde mais normalmente encontrava-se esse tipo artístico, que por sua vez, tinha o objetivo de representar os ideais católicos. Depois de passar por muitas turbulências, desde o fim do Império Romano até o século XI, aproximadamente, a Europa medieval vive um momento de estabilidade e crescimento. O comércio volta a florescer e as cidades começam a prosperar, mesmo que aos poucos.

A arte era abundante e diferente entre os variados povos europeus. Isso mudaria com o "crescente entusiasmo religioso", cujas causas são, entre outros fatores, as peregrinações que cresceram e as Cruzadas para libertar a Terra Santa. Com todas essas mudanças é admissível o nome românico, visto que a Europa absorveu como nunca desde o início da Idade Média. A única coisa que faltava, a autoridade política central, foi, até certo ponto, ocupada pelo Papa. Sem um poder nas mãos de um único rei, foi a Igreja que centralizou o controle sobre o pensamento e a vida da época e foi a primeira responsável pela unificação da Europa desde a queda do Império Romano.

As construções eram realizadas para independência de território, como normalmente desenvolvia os outros países da Europa.



Figura 3 - Arquitetura românica: Igreja da Abadia de Fontenay, França

Características construtivas

De modo geral a igreja românica apresenta um único portal, horizontalismo, substituição do teto de madeira por abobadas, grandes espessuras das paredes,

poucas janelas, utilização do arco e coluna, planta em cruz latina, aberturas estreitas e ameias, contrafortes, decorações esculpidas em pórticos e capitel, fachada com frontão e rosácea (abertura circular que servia para iluminar e ventilar os templos, sendo que eram construções fechadas), prolongamento do transepto (posteriormente utilizando dois, para acomodar mais fieis), pilares maciços.

Características plásticas

A escultura e a pintura serão carregadas de esquematização e simbolismo

Temática religiosa, decorativa, utilizava-se tanto as linhas gregas, losangos, pontas de diamantes, esculturas de animais, esculturas com imagens de santos.

Nas pinturas os afrescos para decoração no lugar do mosaico nas paredes e abobadas, a deformação traduz os sentimentos religiosos e a interpretação mística que o artista fazia da realidade. Temos como exemplo a figura de cristo, era sempre maior que as demais. Sua mão e seu braço, no gesto de dar bênção, tinham proporções intencionalmente exageradas para dar ênfase ao gesto para quem contemplasse a pintura, desse grande valor e respeito.

O colorismo se destaca pelo uso de cores chapada, não tinha a preocupação com meios tons ou jogos de luz e sombra, pois não havia a intenção de imitar a natureza.

Na arte a iluminura é o elemento principal, representação de temas religiosos narrativas da bíblia, eram desenhadas manualmente as paginas da bíblia feita pelos monges copistas era um trabalho lento e perfeccionista, cada livro era feito a mão e algumas vezes demoravam anos para ser concluído, ênfase na relação figura-fundos tendo geométricos, fauna e flora com elemento compositivo, ritmo e simetria dos elementos.

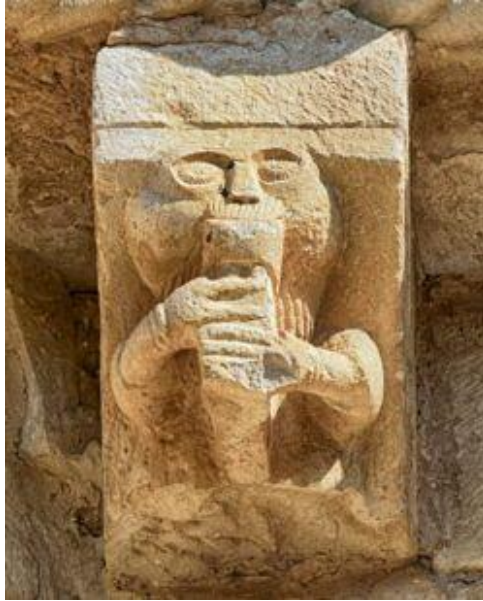


Figura 4 - Escultura Românica: Absíde

Métodos construtivos da época

Desenvolveu-se na Europa Ocidental durante os séculos XI e XII; os termos "românicos", em primeiro lugar, utilizados como referência as línguas europeias com origem no latim, foi aplicado por Adrien de Gerville, em 1823, as tipologias arquitetônicas inspirada nas formas e nas técnicas da antiguidade romana.

A base estrutural do Românico derivará da tradição construtiva romana: Arco de volta perfeito, as abobadas, os muros, os contrafortes. Foi uma época que conheceu bem o tratado de Vitruvius, de Architectura, e que na sua essência, respeitou os conceitos determinados: ordenação, disposição, conveniência e distribuição.

As tipologias:

Os construtores românicos ergueram edifícios com funções distintas, como: Igrejas para os fieis, mosteiros para os monges e abades, castelos para os senhores feudais.

A partir do século XI, as construções passaram a ser construídas de pedra. Aspecto fortificado e austero, com paredes grossas e altas, forma quadrangular, reforçada por contrafortes salientes.



Figura 5 - Arquitetura Românica: Sé Velha em Coimbra



Figura 6 - Arquitetura Românica: Câmara Municipal Viana do Castelo

Na Igreja Românica a escultura concentra-se, exteriormente, nos portais, nas aberturas de iluminação, com especial relevo para a fresta ou frestas da cabeceira, nos cachorros que, por norma, sustentam as cornijas e nos capitéis e bases de

colunas adossadas. No interior é igualmente nos capitéis, com especial relevo para os capitéis do arco triunfal que se concentra a escultura e também nas bases.

O portal ocidental das igrejas, por norma orientadas canonicamente, ou seja, tendo a cabeceira voltada a Oriente e, logo, a fachada principal, a Ocidente, era concebido como Porta do Céu ou como Pórtico da Glória. A vontade de proteger a entrada da igreja é que terá conduzido à representação de figuras ou programas sagrados, à inclusão de escultura como a de animais e a sinais de valor apotropaico, ou seja, motivos escultóricos como cruzes e rodas solares, capazes de defender as entradas e de proteger a igreja.

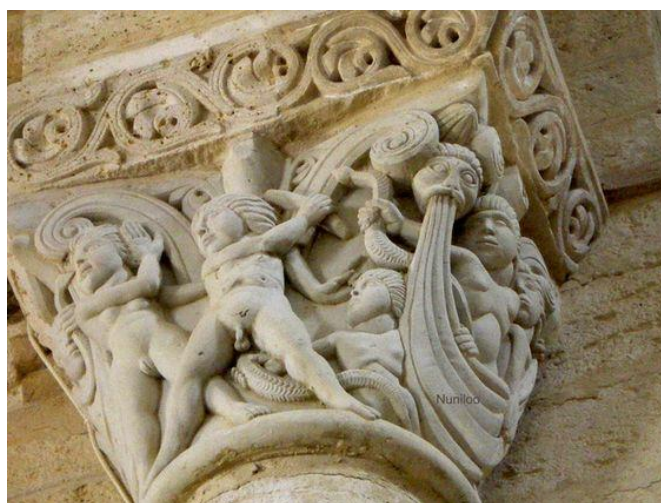


Figura 7 - Escultura Românica

II. 3. O ROMÂNICO EM PORTUGAL

Introduzida em Portugal no início do séc. XII, prevaleceu até finais do séc. XIII. Contexto histórico semelhante ao dos outros países europeus, desenvolvido da necessidade de afirmação de independência do território.

A expansão da arquitectura românica, em Portugal, corresponde com o reinado de D. Afonso Henriques. Foi nesta época que se iniciaram as obras das Sés de Lisboa, de Coimbra e do Porto e que se construiu o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, que incorporaria na sua torre-pórtico o panteão da 1.^a dinastia. Esta Ordem, de origem francesa e favorecida por D. Afonso Henriques, estabeleceu-se na cidade do Mondego em 1131, tendo rapidamente irradiado as suas fundações para o Norte e para o Sul do território e estabelecido a sua presença em Lisboa, no mosteiro de São Vicente de Fora, logo depois da conquista desta cidade aos mouros. Sendo uma arquitectura predominantemente religiosa, o românico está muito relacionado com a

organização eclesiástica diocesana e paroquial e com os mosteiros das várias ordens monásticas, fundados ou reconstruídos nos séculos XII e XIII.

A igreja românica, símbolo da espiritualidade da época, esteve ligada a uma ordem religiosa, a um mosteiro ou instalada no seio de uma comunidade agrícola. Normalmente as igrejas românicas eram construídas em comunidades agrícolas, por isso as igrejas ou capelas possuem características fortemente rurais e está ligada a construção de igrejas de reduzidas dimensões, que dependendo da região, se revestiam de maior ou menor qualidade técnica e decorativa. Os materiais utilizados nas construções religiosas, civis e militares foram as existentes em cada região: no norte do país foi utilizado o granito; no centro o calcário; e no sul o tijolo e a taipa;

As igrejas românicas portuguesas, no geral, são caracterizadas pela robustez, ou seja, pelas paredes grossas, pelos contrafortes salientes e pelo uso da pedra aparelhada; pela grande sobriedade e austeridade, a nível formal e decorativo; pelo uso de uma única nave com cabeceira em abside redonda ou quadrangular, pela cobertura com um telhado de duas águas; pela utilização do arco de volta perfeita; e sem fugir à regra, pelos relevos didáticos e decorativos, usados interior e exteriormente, e pela aplicação de cachorrada na cornijas.

Possui características fortemente rurais e está ligado à construção de igrejas de reduzidas dimensões, com maior ou menor qualidade técnica e exuberância formal ou decorativa dependendo da região;

Sendo uma arquitetura predominantemente religiosa, o românico está muito relacionado com a organização eclesiástica, diocesana e paroquial, mosteiros de várias ordens, fundadas ou reconstruídas. Em Portugal a arquitetura românica, embora espalhada por todo o país, concentra-se essencialmente entre o Minho e Douro, formando uma rede muito densa com a cidade de Amarante a ser o epicentro.



Figura 8 - Arquitetura Românica em Portugal: Mosteiro Paço de Sousa.

II. 4. CONCEITO DO PATRIMÔNIO

O patrimônio cultural de um determinado local, consiste nos bens, materiais ou não, produzidos por este e que são preservados de muitas maneiras, propondo-se a garantia da manutenção da memória de sua história e de sua cultura. Em termos arquitetônicos, considera-se como patrimônio ambiental urbano o conjunto de monumentos edificados em determinado local, que são tombados, restaurados e preservados como tal. O processo de tombamento requer uma série de condicionantes que, quase sempre, tem fundo econômico, uma vez que a classificação dos bens a serem reservados é essencialmente de cunho financeiro, pois depende das verbas disponíveis e das prioridades de preservação. Numa cidade, estão sujeitas a tombamento histórico quaisquer obras que representam a memória urbana, por questões arquitetônicas, simbólicas ou sentimentais. Assim, tanto ruínas, edificações incompletas, demolidas ou com partes faltosas e sítios arqueológicos como construções recentes, casas modestas e edifícios ainda em uso podem ser tombados como patrimônio.

Uma das mais antigas menções referentes ao patrimônio encontra-se na época romana, através da palavra de *patrimonium*, que designava naquele período o conjunto de bens pertencentes ao pai, transmitido aos sucessores pela forma de herança. Na época o conceito era então associado ao privado, designando os objetos herdados de geração em geração.

Nos finais do século XV o conceito de patrimônio como bem comum a um determinado grupo social, se começa a formar, justificado pelo surgimento da necessidade de um tipo de cultura que acompanhasse as mudanças vividas na sociedade da época, associadas, por um lado, ao rompimento da ideologia ligada ao

divino e ao sobrenatural, características da Idade Média e, por outro, ao renascer do humano e do natural.

Entretanto, o final do século XVIII constituiu um período de destaque na conceção do património bem como na definição de políticas para a salvaguarda de bens patrimoniais. Na realidade, foi graças à Revolução Francesa, que promoveu a destruição dos elementos associados ao Antigo Regime e em sequência, desenvolveu uma maior sensibilização relativamente aos monumentos do passado, que o património passa a ser identificado como testemunho da identidade e da memória das sociedades passadas. Aos poucos, esta conceção de património alarga-se para outros países da Europa.

O método romântico de preservação constitui numa reconstituição sem documentos históricos, quando obras antigas são recuperadas e revitalizadas com certa fidelidade e muito saudosismo. Já o método arqueológico, surgido na época da descoberta das grandes ruínas mediterrâneas, proíbe a reconstrução, a não ser que se utilize métodos e materiais originais. Existe ainda o método histórico, que fundamenta-se na ideia da recuperação de edifícios de forma confiável, com uso de documentação, não permitindo nem a alteração do lugar original da obra nem seu espaço volumétrico.

Finalmente, a preservação científica baseia-se em dados arqueológicos e em documentos históricos, permitindo a intervenção na obra, assim como sua nova utilização, desde que seja mantido o partido da mesma.

No século VIII para o Império Romano restaurar um monumento era agir de uma forma inovadora segundo as diversas valorizações de cada época. Na Grécia já não se pode dizer o mesmo, visto que se estava a viver uma época em que o clero tinha um papel fundamental nas decisões legislativas do país, quanto ao restauro recuperavam a sacralidade do local e do monumento.

Foi durante a metade do século XVIII, que surgiram as bases da preservação de monumentos históricos, tais como a que hoje conhecemos, fazendo com que, no século seguinte, começasse a haver formulações teóricas das quais ainda hoje em dia são válidas. O que se praticava na altura eram os ideais iluministas, a liberdade política e económica, defendidas pela burguesia.

O século seguinte é conhecido pela alteração de hierarquização de valores atribuídos aos monumentos históricos, visto que começou a ser privilegiado o seu valor histórico ao invés de valores estéticos. Por outro lado, temos a Revolução Industrial que permitiu à arquitetura inovações técnicas, rompendo assim com as tradições da época. Isto impulsionou um debate sobre os estilos arquitetónicos,

sobre a preservação dos monumentos, a proteção do monumento histórico e o restauro. Os teóricos, Viollet-le-Duc e John Ruskin surgem neste seguimento de debate, influenciando as práticas de intervenção nos países europeus.

"Cada nova obra intervém numa certa situação histórica. Para a qualidade desta intervenção é crucial que se consiga equipar o novo com características que entrem numa relação de tensão significativa com o existente. Para o novo encontrar o seu lugar, precisa primeiro de nos estimular para ver o existente de uma nova maneira. Lança-se uma pedra na água. A areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontrou o seu lugar. Mas o lago já não é o mesmo."

Peter Zumthor, 2009

Por reabilitação de edifícios entendem-se as ações de intervenção necessárias e suficientes para os dotar de condições de segurança, funcionalidade e conforto, respeitando a sua arquitetura, tipologia e sistema construtivo. Muitas vezes, projetos designados de "reabilitação" são na realidade projetos de reconstrução integral do interior (construção nova), mantendo unicamente as paredes exteriores resistentes, mas só uma reabilitação adaptativa e pouco intrusiva pode conduzir a um resultado equilibrado. (apud Alexandra Sofia da Silva Faria, 2017, p.12)

CAPÍTULO III: ESTUDO DE CASO

III. 1. A ROTA DO ROMANICO

Compreender a fundação de Portugal é olharmos para o românico. A região Norte e o património arquitetónico que enfeita o seu território faz parte da história à volta do nascimento nacional. Os nobres que ocupavam os castelos foram os que comandaram a reconquista para o sul e as ordens religiosas, que tentavam tornaram a converter ao cristianismo as populações reconquistadas, fizeram a sua tarefa através de locais de culto construído conforme a fronteira crescia: mosteiros, igrejas e monumentos religiosos tinham a missão de mostrar a glória do cristianismo.

Nas regiões dos Vales do Sousa, Douro e Tâmega, no coração do Norte de Portugal, ergue-se um importante património arquitetónico de origem românica. Traços comuns que guardam lendas e histórias nascidas com a fundação da Nacionalidade e que testemunham o papel relevante que este território desempenhou na história da nobreza e das ordens religiosas em Portugal.

Esse património encontra-se estruturado na Rota do Românico, germinada, em 1998, no seio dos concelhos que integram a VALSOUSA - Associação de Municípios do Vale do Sousa - Castelo de Paiva, Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel, e alargada, em 2010, aos restantes municípios da NUT III - Tâmega e Sousa (Amarante, Baião, Celorico de Basto, Cinfães, Marco de Canaveses e Resende), unificando num projeto municipal um legado histórico e cultural comum.

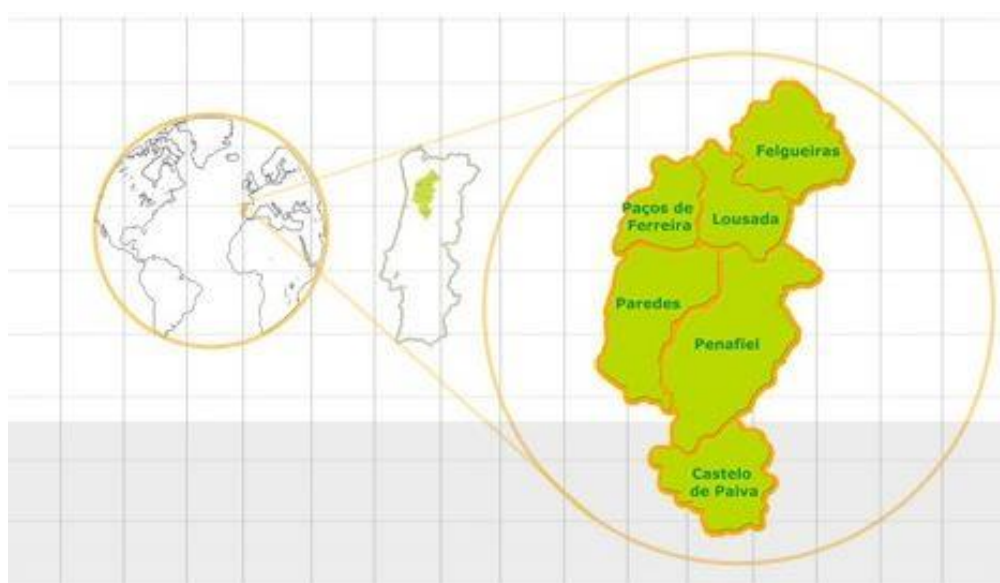


Figura 9 - Mapa do Vale do Sousa

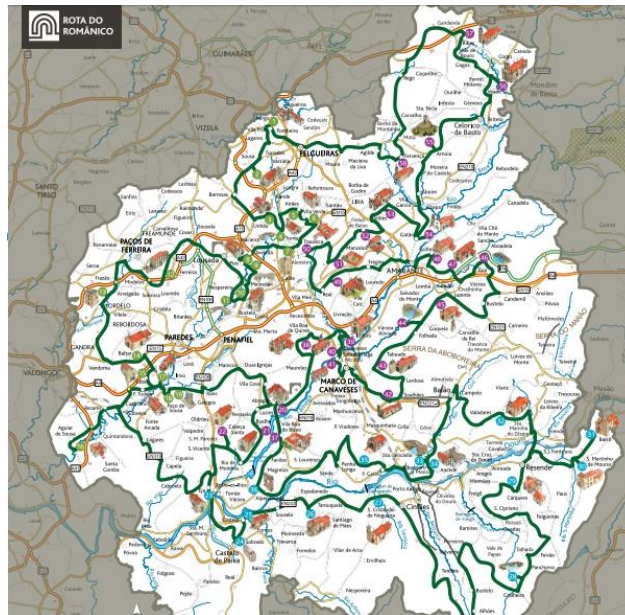


Figura 10 - Mapa Rota do Românico.

Baseada em um conjunto de 58 monumentos de grande valor e de extraordinárias particularidades, esta Rota pretende assumir um papel de melhor posição no contexto do turismo cultural e paisagístico, capaz de posicionar a região como um destino de referência do românico, estilo arquitetónico que durou entre os séculos XI e XIV.

A Rota do Românico tem sido nos últimos anos, como um projeto de referência nacional, sendo reconhecido como um protótipo, para o desenvolvimento regional, em diversas áreas de intervenção, como: da conservação do património à promoção turística, da investigação científica à disseminação de conhecimento, da dinamização cultural à educação patrimonial.

A sua missão, é contribuir para o desenvolvimento sustentado do território dos Vales do Sousa, Douro e Tâmega, através da valorização do património cultural e arquitetónico de estilo românico, produzindo assim, em um benefício turístico e cultural de grande importância e ser uma referência de contribuição para o desenvolvimento sustentado do território do Sousa, Douro e Tâmega.

Os objetivos que contribuem para a Rota, esta relacionado a promover o ordenamento do território através da valorização do património, criando um novo setor produtivo capaz de prosperar, contribuir para a renovação da imagem interna e externa da região, melhorar os recursos humanos da região e colaborar para a criação de uma empregabilidade qualificada. Seus valores tradicionais, estão visíveis no próprio património, fruto das características destas terras e das pessoas

que ali habitaram. Conhecer a rota do românico, é agradável para todos os sentidos, desde a contemplação da arte, conhecer a gastronomia do local e ao conforto do alojamento, que nos conduz para uma viagem no tempo.

O programa está relacionado aos cuidados, que apresenta com o desenvolvimento sustentável da região, nomeadamente com as questões de responsabilidade social.



Figura 11 - Centro de Interpretação do Românico.



Figura 12: Capela de São Lourenço - Integra na Rota do Românico.

III. 2. A CAPELA

A Capela Nossa Senhora da Piedade em Quintã, situa-se na freguesia de Baltar, no Concelho de Paredes do distrito do Porto. Insere-se em ambiente rural, implantando-se em pequeno largo, ladeado por caminho público a Sul e Poente e campos de cultivo a Norte e a Nascente.

Imóvel de projeto românico, a Capela da Quintã - Nossa Senhora da Piedade - terá sido provavelmente construída no séc. XII, tendo sofrido, ao longo do tempo obras de alteração. O edifício, de aparência simples, preservam as características principais do românico da região. Imóvel simples, de pequena escala, em estrutura de alvenaria de granito, formada por dois corpos articulados, correspondentes à Nave e Cabeceira, com coberturas de alturas diferenciadas, com telhados de duas águas com telhas em cerâmica. O corpo da Cabeceira mais baixo e mais estreito do que o corpo da Nave, será o corpo mais antigo, apresentando melhor qualidade de alvenaria de pedra. Em a parte decorativa, a Cabeceira, embora simples, apresenta elementos em pedra trabalhada, tal como a cornija e alguns cachorros.

A planta do edifício é longitudinal, composta por dois rectângulos: Capela-Mor e Nave única, provavelmente construídas em datas diferentes, separadas por arco principal, com capitéis decorados com motivos vegetativos.

A fachada principal, orientada a Poente, é de composição simples e axial, com portal encimado por pequeno campanário (parte da torre da igreja em que estão suspensos os sinos).

Os elementos construtivos exteriores, apresentam-se em alvenaria de granito aparente. O corpo da cabeceira apresenta cornija decorada com motivos vegetativos e fiada de cachorros simples, em pedra, e modilhões em remates.



Figura 13 - Capela Nossa Senhora da Piedade em Quintã

O interior considera-se simples e despojado, com alvenaria de pedra à vista. A capela-mor apresenta três frestas. Também no interior é perceptível a diferença da qualidade do aparelho da pedra, sendo clara a existência de duas fases de construção. Os pavimentos são diferenciados, sendo que na capela-mor este aparece em granito e na Nave, em soalho de madeira.

Os objetivos do estudo para esta investigação, esta na identificação do valor patrimonial da Capela Nossa senhora da Piedade em Quintã, sua preservação está relacionado também com a particularidade do local onde está inserido o edifício, estabelecendo uma relação de equilíbrio e integração da edificação com seu entorno. Outra necessidade seria de estabelecer o entendimento de uma estratégia de intervenção de um património, indicando princípios para a proposta de intervenção.

Alguns problemas foram identificados no edifício, das condições em que se processa a reutilização patrimonial de modo a garantir a continuidade dos valores culturais e, em simultâneo, a sua conservação material.

Este aspeto é verificado de certa forma na área onde se pretende intervir, criando dificuldades que se deverão enfrentar desenvolvendo um modo de intervenção adequado e uma correta abordagem de projeto. A intervenção realizada dessa forma impedirá que o seu estado de conservação se agrave e valorizará o seu

espaço por meio da transformação de um novo entendimento afinado e inserido no contexto atual.

III. 3. RECOLHA DE DADOS

O instrumento de recolha de informação, foi verificada por meio de análise documental e observação direta, levantamento in loco. A investigação integra ainda a análise de diversos tipos de documentos: livros, artigos científicos, revistas, fotografias, mapas, plantas, projetos, desenhos técnicos, etc., possibilitando o estudo de fatos sobre os mesmos. A observação direta de algumas obras que também sofreram intervenções, nos permitiu comprovar o estado de conservação da construção, tirando partido da relação de proximidade existente entre o investigador e o objeto de estudo, sendo esta observação, uma das melhores técnicas de recolha de dados neste tipo de estudo, tendo um objetivo de examinar o ambiente através de um esquema geral para orientar de forma mais adequada.

Foram avaliados os seguintes pontos, para que em sequencia, elaborar uma proposta de reabilitação.

COBERTURAS

As coberturas apresentam-se coberturas ventiladas, com telha cerâmica do tipo canudo, grampeada, com impermeabilização, através de sistema de sub-telha.

PARAMENTOS EXTERIORES

O granito de paramentos exteriores apresenta-se alguns muito escurecidos e com líquenes e musgos, o pavimento não segue uma formatação adequada, tanto o que envolve a capela, como os de acesso a área onde está localizada a capela.

As juntas da pedra encontram-se executadas com argamassas ricas em cimento, por vezes aplicadas nas superfícies em excesso e com profundidade pouco adequada. Há a existência de argamassa desapropriada, aplicada em quantidade excessiva, no assentamento de beiral do corpo da Nave.

PARAMENTOS INTERIORES

Os paramentos interiores apresentam-se em pedra aparente pintadas em branco e encontram-se em razoável estado de conservação. Encontram-se, no entanto, tanto na zona da Nave como na zona da Capela-mor, pequenas manchas provenientes de infiltrações e humidades.

As juntas da pedra, embora executadas com argamassas desapropriadas, ricas em cimento, encontram-se em razoável estado de conservação.

Os tetos encontram-se em bom estado de conservação, pois são de construção recente, não apresentando valor artístico, cultural e patrimonial, nem adequação à linguagem formal e simbólica do imóvel em questão.

PAVIMENTOS INTERIORES

O pavimento da Capela-mor apresenta-se em granito aparente. As juntas da pedra encontram-se executadas de forma desapropriada, com argamassas ricas em cimento e aplicadas de forma excessiva.

O pavimento da Nave apresenta-se revestido com soalho de madeira de pinho, assente sobre estrutura de madeira. Este encontra-se em mau estado de conservação e descaracterizando o seu valor patrimonial.

INSTALAÇÃO ELÉCTRICA

Possui quadro eléctrico recentemente substituído, encontra-se oculto, encastrado em armário de madeira.

O fornecimento de energia eléctrica é feito por via área entre a rede geral e o imóvel, sendo que neste existe uma baixada montada num pequeno poste metálico fixo ao paramento da cabeceira no alçado norte.

A iluminação do espaço da Nave possui candeeiros pendurais, de desenho simples e a zona da Capela-mor está iluminada com luminárias orientáveis.

VÃOS DE PORTAS E FRESTAS

As portas em madeira e chapa pintadas, existentes, apresentam sinais de elevado estado de degradação, com destacamento de tintas e lacunas de material.

As caixilharias existentes em frestas de cabeceira, possuem vidros simples e má instalação e tamanhos diferentes dos vãos.

ENTORNO

O seu entorno possui enquadramento e protecção do imóvel através de muros. Possui pavimento em lajeado de granito. O pavimento existente do lado Norte e do lado Nascente, esta em granito, semelhante ao existente.

Os muros em alguns pontos são existentes deverão ser limpos e conservados. O terreno existente a sul do edifício está totalmente ocupado por vegetação e sem uso. Há um pequeno largo que une o espaço do edifício e a zona de acesso ao terreno, onde se tem uma vista privilegiada sobre a capela.



Figura 14 - Levantamento: Capela Nossa Senhora da Piedade



Figura 15 - Entorno Capela Nossa Senhora da Piedade



Figura 16 - Espaço Interior da Capela Nossa Senhora da Piedade



Figura 17: Imagem do Entorno da Capela.

III. 4. ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados refere-se ao Projecto de Salvaguarda e Valorização da Capela da Quintã – Capela de Nossa Senhora da Piedade, em Baltar, concelho de Paredes do distrito do Porto, e dos espaços públicos envolventes.

A proposta de intervenção no edifício traduz a consciência de um Património, que sendo de pequena escala e integrado em espaço rural, constitui um valor cultural e uma herança comum, que contribui para a valorização do sentido de identidade. Com isso, pretendemos contribuir para uma adequada conservação e salvaguarda do edifício, garantindo a durabilidade da sua história.

A Capela de Nossa Senhora da Piedade deve ser percebida por uma interpretação crítica, à escala regional, em conjunto com os monumentos românicos espalhados pelo território do Vale do Sousa, onde está implantada, e tendo ainda em conta a sua legitimidade, tanto no que diz respeito à sua condição material e estética, mas também a outros valores como sua história.

Este aspeto é verificado de certa forma na valorização onde se pretende intervir, desenvolvendo um modo de intervenção acertado e uma correta abordagem de projeto. A atuação realizada dessa forma impedirá que o seu estado de conservação se agrave e valorizará o seu espaço por meio da transformação de um novo entendimento ajustado e inserido no contexto atual.

CAPÍTULO IV: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO DO EDIFÍCIO

IV. 1. EVOLUÇÃO

O desenvolvimento do projeto de reabilitação ao longo do curso, foi de aprendizado e percepção do que consiste um projeto que envolve o património, o restauro de um edifício com valores históricos, durante as orientações foi-se percebendo que as idéias que foram surgindo de intervenção, eram anuladas pelo professor orientador, pois meu conhecimento no que diz respeito a salvaguarda de um edifício era mínimo, e achava que poderia transformar um edifício por completo, e que na realidade não.

Foram feitas análises de outros trabalhos que já foram elaborados neste mesmo estudo de caso, também com leituras de autores que defendem o património, o estilo, seus valores e principalmente a história.

Após a definição dos princípios fundamentais e da análise do edifício mais específico, tanto ao nível do seu estado de conservação e linguagem arquitectónica, como ao nível do seu enquadramento histórico, sócio-cultural e territorial, tornam-se em definitivo os critérios de intervenção.

Contudo, sendo que o edifício mantém a sua função enquanto templo religioso.

IV. 2. A PROPOSTA

Em sequência a recolha dos dados e análise dos dados, a proposta de intervenção apresenta-se como um conjunto de medidas estruturada, coerentes entre si e na sua relação com a pré-existência. As opções tomadas, apresentam-se compatíveis, tanto ao nível das soluções e sistemas construtivos, como ao nível da linguagem, não se colocando à construção existente, obedecendo, assim, as normas das possibilidades, e dando continuidade ao seu significado.

Tendo em conta a análise do estado de conservação do edifício, propõe-se um conjunto de medidas para a conservação e salvaguarda do construído.

Ao nível de organização do projeto e propostas da intervenção, consideramos:

A cobertura existente adequa-se ao imóvel em questão, sendo que permite a ventilação e contribui para a conservação dos elementos construtivos e do existente em seu interior, não havendo a necessidade de alteração, apenas nas trocas dos rufos que encontram-se desgastados.

Os coroamentos de empenas, constituindo pontos críticos no que diz respeito a infiltrações, deverão ser devidamente tratados e impermeabilizados.

Os tetos em madeira, com estrutura à vista, também permanecem, passarão por tratamento e envernizamento, acrescentamos alterar algumas peças em madeira, para trabalharmos a iluminação indireta no edifício, contribuindo para uma maior harmonia espacial do interior.

No interior do edifício, propomos a retirada do piso em madeira e substituir pela pedra, propõe-se a limpeza, tratamento e conservação de pavimentos em pedra existente na área da Capela-mor. As paredes que hoje encontra-se pintadas de branco, serão removidas e assim permanecendo com a pedra natural, o que incluirá a sua limpeza, com o maior cuidado nas áreas trabalhadas.

As argamassas ricas em cimento deverão ser cuidadosamente removidas e reaplicadas com argamassas apropriadas, portanto, seguimos com as características do românico e ao mesmo tempo, tornando o espaço moderno sem descaracteriza-lo.

Propõe-se o desenho e a redistribuição de novo mobiliário, adequado aos princípios da arquitetura religiosa. O desenho da cruz metálica com pintura dourada, ficará na capela-mor, a mesa em pedra permanecerá a existente.

A resolução dos problemas relativos a infiltrações e humidades, causa dos principais problemas existentes, pela limpeza e conservação de paramentos interiores e exteriores.

As instalações elétricas e iluminação serão substituídas. O estudo da iluminação obedece ao conceito geral de intervenção, que pretende intervir de forma coerente, com a linguagem da tradicional igreja românica, pois a proposta inicial do trabalho em estudo, seria valorizar o edifício interior com a iluminação, destacando os seus elementos e dando característica ao românico, onde caracteriza por ter espaços menos iluminados, poucas aberturas e tornando o seu interior agradável e valorizado.

Os pontos estratégicos de aplicação destas iluminações, serão no piso, nas laterais das paredes, utilizamos a calha em led, dando destaque as paredes em pedra, no teto também propomos calha em led, com iluminação indireta para o teto em madeira e o candeeiro principal, propomos um candeeiro moderno e com poucas lâmpadas em led, seguindo as suas características.

Os vãos de portas e frestas, serão substituídos. As portas serão em madeira maciça, sendo a principal no formato macho-fêmea e a lateral folha inteira maciça, os puxadores serão em ferro pintado e dobradiças do mesmo material. As frestas serão substituídas por vidros temperados 8mm, no mesmo formato do vão.

Nos arranjos exteriores, a proposta para a salvaguarda dos espaços públicos envolventes pretende criar uma área de enquadramento e protecção do imóvel, contribuindo para a sua valorização.

O pavimento existente será todo removido e aplicado em lajeado de granito que deverá ser aplicado em volta da capela.

Os muros existentes deverão ser limpos e conservados, sendo que os propostos serão, também eles, executados com pedra de granito protegendo e salvaguardando o imóvel da envolvente.

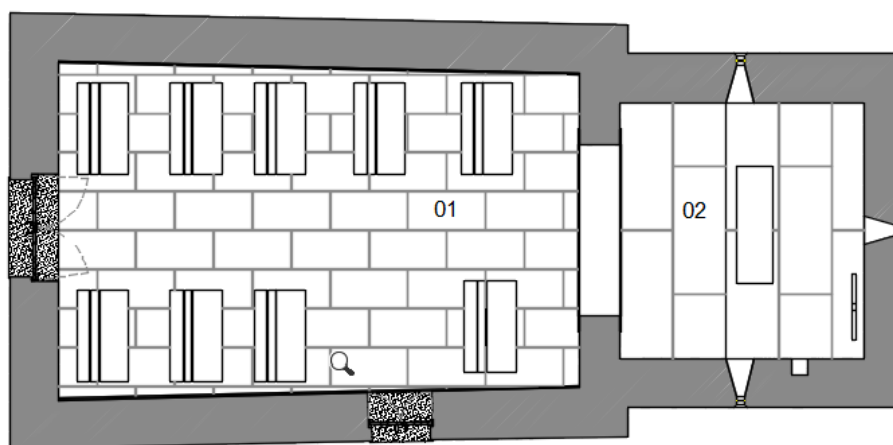
O terreno existente a sul do edifício será arborizado, pretende-se criar um lago artificial na parte central do terreno, criando acesso à Capela, o entorno do lago terá desníveis no terreno, dando ênfase ao edifício, permitindo caminhos que levam até o edifício.

Pretendemos criar um estacionamento na parte externa do terreno para os visitantes do imóvel e do jardim que engloba todo espaço, tornando-o espaço de convivência e lazer.

O pequeno largo une-se a este espaço ligação através da entrada principal, em zona de acesso com particular vista privilegiada sobre a capela.

O tratamento de exteriores é de desenho simples, quase natural na sua imagem e forma, enquadrando-se no ambiente rural e integrando-se a capela.

Propõe-se uma iluminação para o espaço exterior, contíguo ao edifício, nomeadamente através de luminárias encastradas no muro exterior a construir e luminárias encastradas em alguns espaços na relva direcionando o caminho até o edifício.



PLANTA

Figura 18: Planta da proposta para Capela.

IV. 3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após obtermos um conhecimento do estado em que encontra-se o edifício da Capela Nossa Senhora da Piedade, considerou-se essencial a realização de um projeto de reabilitação, para melhorias e salvaguarda. A Capela é constituída, essencialmente, pelas suas características de património e histórico românico. Verificou-se que suas características atuais não contribuem para o verdadeiro valor que a capela caracteriza, tanto na parte interior da capela, como no seu entorno, e por isto propomos a reabilitação neste trabalho, para que possamos valorizar sua identidade e tornar daquele edifício, um dos pontos importantes para visitaçãõ dentre os monumentos e edificios que contribuem à rota do românico.

As teorias clássicas da restauração, mesmo tendo sido escritas em contextos diversos do atual, ainda servem como substrato reflexivo para as medidas práticas. Desta forma, é fundamental conhecê-las bem para então estabelecer relação com a sua aplicação ou confronto. Não obstante, a teoria e a prática da restauração constituem idéias complementares que conduzem a uma ação completa e fundamentada. Contudo, antes de analisá-las, deve-se ter em mente o período em que elas foram elaboradas. Assim, se as transferimos para o contexto atual sem uma precedente reflexão, muitas vezes não encontramos um sentido lógico. Portanto, devemos ir além das palavras e buscar a essência da idéia que se propunha. No entanto, deste modo nos aproximaremos de uma solução categórica para atuar neste vasto e complexo campo. Todavia, muitas vezes a teoria não é suficiente para solucionar os problemas práticos, sendo nesse caso analisado os elementos particulares que a obra fornece. Ainda que se proponha algo oposto, deve-se remeter a um diálogo contextualizado. Entretanto, este é um tema bastante delicado, onde não se tem uma solução mais certa do que outra, mas sim uma mais prudente.

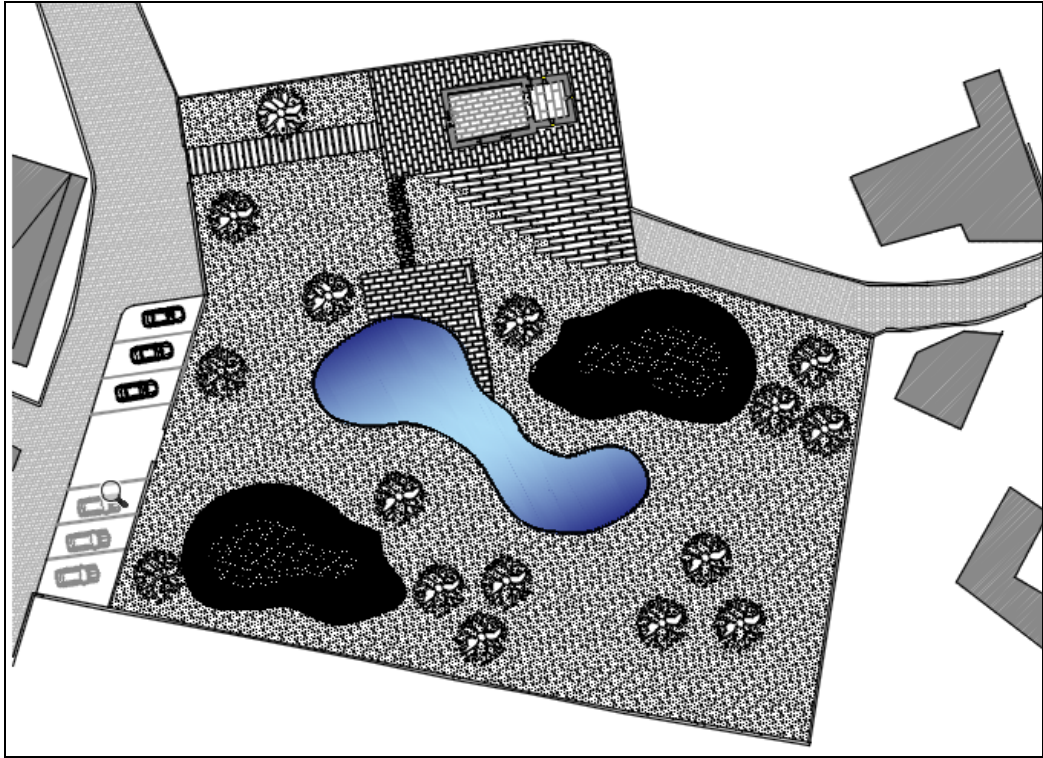


Figura 19: Proposta de Arranjos Exteriores

CONCLUSÃO

Ao longo de todo este trabalho, embora falando, de uma forma geral, de vários conceitos existentes, foram estudados alguns conceitos para o estudo de uma intervenção num edifício existente.

O projeto de reabilitação da Capela Nossa Senhora da Piedade, dentro destes conceitos, foi apresentado uma proposta de estudo, podendo mostrar de forma prática o seu significado e valorização.

Após análise de todos os casos de estudo, chegamos à conclusão que primeiro é preciso definir o que significa uma pré-existência, ou seja, é uma arquitetura do passado que resiste até ao presente, podendo ser desde edifícios considerados património, como igrejas ou castelos. Estes edifícios marcam uma história, um capítulo com memórias, e são essas memórias que determinam a sua própria identidade e valor. A função do arquiteto face a um edifício histórico é restituir a vida que tinha, para que as memórias não sejam esquecidas com o decorrer do tempo. Em suma o arquiteto deve guiar o seu projeto com o pensamento que o lugar está bem definido, bem solidificado e que tem de ser respeitado e preservado. Há, no entanto, sempre limites, já que nem tudo é passível de preservar, e quando esses limites são ultrapassados a identidade da pré-existência pode estar em risco.

A solução de intervenção mais adequada será sempre aquela que, por um lado, garanta as condições mínimas de durabilidade e segurança do edifício e, por outro, seja o menos interventiva possível no património. Nesse sentido, as soluções propostas consideram o máximo aproveitamento dos elementos estruturais e arquitetónicos e em bom estado, sempre que possível sem a sua remoção ou, tendo de ser removidos, considerando sempre o seu posterior reaproveitamento. Para além das questões relacionadas com a reabilitação a que o edifício deverá ser submetido, e dado se tratar de um Monumento Nacional de grande interesse arquitetónico e cultural, deverão ser criadas condições para uma maior afluência de visitantes e valorização do património.

BIBLIOGRAFIA(S) / REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ana Teresa Rosendo Pereira, 2017 - *Duas Capelas de Peter Zumthor: a percepção, o lugar e a construção*; Universidade Lusíada de Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes, Mestrado Integrado em Arquitectura.

Ana Teresa Rosendo Pereira, 2017 - *Duas Capelas de Peter Zumthor: a percepção, o lugar e a construção*; Universidade Lusíada de Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes, Mestrado Integrado em Arquitectura.

Ana Ruepp, (2014). *Louis Kahn: O edifício antigo tem a luz da eternidade*. Acedido em: 03, julho, 2021, em: https://www.snpcultura.org/louis_kahn.html

Amanda Basilio Santos, 2016 – “Arquitetura Românica” *Arquitetura Românica: O desenvolvimento do primeiro grande sistema construtivo medieval*, nº 12, janeiro/junho

Aguiar J., 2005 – *Cor e Cidade Histórica*. Porto: Publicações FAUP, 649 p.

Alçada M. 2005 – Inventariar para Preservar. In *A Intervenção no Património Práticas de Conservação e Reabilitação*. Porto: Faculdade de Engenharia da universidade do Porto, P 79-88.

Azevedo C., 2005 – Construir um novo Património Regional – A Rota Românica do Vale do Sousa (RRVS). In *A Intervenção no Património Práticas de Conservação e Reabilitação*. Porto: Faculdade de Engenharia da universidade do Porto, P 159-183.

Carlos Almeida 1986 – *História da Arte em Portugal – O Românico*. Lisboa: Publicações Alfa.

Cesare Brandi, 2004. *Teoria do Restauro*. São Paulo: Atelier Editorial.

Françoise Choay, 2008 – *Alegoria do Património*. Coimbra: Edições 70, 306 p.

Machado, Rosário et al, 2014. *Rota do Românico – Monografia. Volume II. Lousada. Centro de Estudos do Românico e do Território*, pp 241-274.

Miguel Tomé, 2002 – *Património e Restauro em Portugal (1920-1995)*. Porto: Publicações FAUP, 494 p.

John Ruskin, 1987. *Las siete lámparas de la arquitectura*. Barcelona: Alta Fulla.

Sofia Garrocho Fernandes, 2015 – *As Igrejas de Álvaro Siza (Tensão entre a identidade do autor e o confinamento das práticas religiosas)*, Departamento de Arquitectura, FCTUC.

Rota do Românico. *Disponível em www.rotadoromanico.com* (acedido em 3 de outubro de 2020).

Rosário Correia Machado, 2008 - Rota do Românico do Vale do Sousa - Turismo e Patrimônio como projecto de desenvolvimento para o Vale do Sousa in *14º Congresso da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional, 2008*.

Rosário Machado - *Rota do Românico do Vale do Sousa: Valsousa – Rota do Românico do Vale do Sousa*, 387 p.

Talita Cruz, (2021). *Arquitetura Românica: Conheça o estilo que deu origem ao gótico*. Acedido em: 25, setembro, 2021, em: <https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetura/arquitetura-romantica/>